LOLA LARRA

VICENTE REINAMONTES

ESTUDANTES EM LUTA

ANOTAÇÕES PARA UMA HISTÓRIA DAS MOBILIZAÇÕES ESTUDANTIS

ONDE A GENTE SE ENCAIXA ENTRE MENINOS QUE PRECISAM DE CUIDADO E ADULTOS CAPAZES DE TRABALHAR?

"ESTUDANTE: AQUELE QUE DESEJA FAZER ALGO"

"ALUNO: O QUE DEVE SER ALIMENTADO ~~INTE~~ INTELECTUALMENTE"

NO COMEÇO NOS CHAMAVAM DE DISCÍPULOS, OU APRENDIZES. E DEVERÍAMOS OBEDECER A TUDO QUE NOSSO MESTRE ENSINAVA. SEM POSSIBILIDADE DE DISCORDAR. UM ESTRATO SOCIAL INTERMEDIÁRIO, QUE AINDA NÃO PRODUZ NADA, MEIO DEPENDENTE E, ÀS VEZES, SEM DIREITO SEQUER AO VOTO.

MAS DESDE PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NOS CONVERTEMOS EM UMA ESPÉCIE NOVA, JOVEM, PUJANTE, CAPAZ DE IMPULSIONAR PROFUNDAS MUDANÇAS SOCIAIS.

FAZ TRÊS DIAS QUE OCUPAMOS. E SE NOS LANÇAMOS NOS PROTESTOS PARA DESAFIAR A ORDEM ESTABELECIDA, ~~O OBSOLETO SISTEMA EDUCATIVO~~, A INJUSTIÇA E TAMBÉM ESSA "MORTE CLIMATIZADA QUE QUEREM NOS VENDER COMO FUTURO" (CITO A JULIO CORTÁZAR NO MAIO PARISINO)

O MÍNIMO QUE PODEMOS FAZER É SABER UM POUCO SOBRE IMPORTANTES MOVIMENTOS ESTUDANTIS QUE ACONTECERAM ANTES DO NOSSO MODESTO MAIO DE 2006.

CONHECER O QUE FIZERAM NOSSOS COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS NO PASSADO: EM CÓRDOBA, EM 1918. EM PARIS E NO MÉXICO, EM 1968. EM LA PLATA, EM 1976, E EM PEQUIM, EM 1989.

ANOTAÇÕES PARA UMA

HISTÓRIA DAS MOBILIZAÇÕES ESTUDANTIS

Durante o século XX

(ou pelo menos grande parte dele)

PABLO MELLADO

Terceiro ano - Maio de 2006

Há quase 100 anos...

REFORMA UNIVERSITÁRIA

–

Córdoba, Argentina

Junho de 1918

Sobre como os reformistas argentinos alçaram voz a princípios do século passado.

O QUE PEDIAM OS ESTUDANTES?
Modernização, democratização e autonomia das universidades.

COMO?
Os estudantes da Universidade Nacional de Córdoba, organizados em centros estudantis e liderados por Deodoro Roca, declaram uma greve geral e pedem que a universidade tenha intervenção do governo. Fundada pelos jesuítas nos tempos da colônia, a universidade mantinha as estruturas elitistas e clericais que os estudantes repudiavam. Depois da intervenção e de uma votação falida para eleger um novo reitor, em meados de junho de 1918 os estudantes tomam a universidade e lançam o Manifesto Liminar, no qual enumeram todas as suas reivindicações e petições. A ideia central do documento é a denúncia da "antiga e anacrônica estrutura" de governo universitário que não havia mudado desde a Independência e que era a "última corrente que, em pleno século XX, nos atava à antiga dominação monárquica e monástica".

E O QUE ACONTECEU DEPOIS?
A influência do *Manifesto Liminar* se estendeu rapidamente por várias universidades da Argentina e de outros países latino-americanos, constituindo a base de todos os movimentos estudantis posteriores.

"Nosso regime universitário é anacrônico. Está edificado sobre o direito divino do professorado universitário".

"Se não existe uma vinculação espiritual entre os que ensinam e os que aprendem, todo ensino é hostil e, por conseguinte, infecundo. Toda educação é uma longa obra de amor aos que aprendem".

Do ***Manifesto Liminar da Reforma Universitária***

MAIO '68

–

Paris, França

Maio de 1968

Sobre como Paris foi sim uma festa, mas de barricadas e poesia.

O QUE PEDIAM OS ESTUDANTES?

No começo pediam apenas a flexibilização das normas da universidade em Nanterre, mas à medida que o movimento crescia como um tsunami, o protesto se voltou a reivindicações políticas e sociais: protestavam contra a sociedade de consumo, a repressão sexual, o colonialismo, a guerra do Vietnã, o capitalismo...

COMO?

Em 6 de maio, os estudantes de Nanterre que tinham tomado a universidade depõem no Comitê de Disciplina. Este julgamento desata em manifestações de apoio e solidariedade dos estudantes da Sorbonne, que também ocupam aquela universidade. Reprimidos pela polícia, estudantes e operários organizam barricadas no Bairro Latino, arrancando os paralelepípedos das ruas. É a chamada "noite das barricadas". A polícia reprime os estudantes deixando muitos feridos e alguns detidos. A solidariedade dos obreiros e da sociedade francesa se manifesta de maneira contundente no dia 13 de maio, quando há uma resposta massiva à convocação de greve geral, o clímax desse movimento insólito. Os operários continuam se unindo aos protestos com suas próprias reivindicações, tomando as fábricas e outros locais de trabalho.

O governo de Charles De Gaulle teme um levante popular que não chega a acontecer. Os protestos terminam a finais do mês de junho.

O QUE ACONTECEU DEPOIS?

Há visões muito distintas. Uns dizem que não se alcançou nada, enquanto outros afirmam que maio de 68 continua sendo um ícone da utopia e de um olhar irreverente e original ao modelo pré-estabelecido. As universidades mudaram –não só na França–, abrindo passagem a uma geração de docentes progressistas e à participação dos estudantes na gestão universitária. Os operários conseguiram aumento dos salários e melhores condições de trabalho. Mas a sociedade continuou pelo caminho do capitalismo e do consumo. Talvez porque maio de 68 tenha sido um movimento de grande espontaneidade, de criação situacional, de liberdade e deleite, de muitos e diversos protagonistas, cada um com suas ideias. Como disse o filósofo Gilles Lipovetsky: "Maio de 68 foi a primeira revolução no presente. Todos os outros grandes movimentos da história foram revoluções para o futuro, que convocavam ao sacrifício e à morte. A primavera juvenil de 1968 desdenhou desse sentido trágico da história para protagonizar a primeira revolução lúdica e pacífica".

Queria ter estado lá...

INSPIRAÇÃO FRANCESA
(para lemas políticos)

ABAIXO O REALISMO SOCIALISTA
VIVA O SURREALISMO!

♥ quanto mais faço revolução,
mais vontade tenho de fazer amor
quanto mais faço amor,
mais tenho vontade de fazer revolução ♲

SEJAMOS REALISTAS,
PEÇAMOS O IMPOSSIVEL

Desabotoem o cérebro
tanto quando
a braguilha
IMAGINAÇÃO AO PODER!

→ É proibido proibir ←

DIREITO AO
ORGASMO

A PRAÇA DAS TRÊS CULTURAS DE TLATELOLCO

-

Cidade do México

Outubro de 1968

Sobre como a capital mexicana se tingiu de sangue.

O QUE PEDIAM OS ESTUDANTES?

Melhorias na educação, liberdade para os estudantes detidos, exigências contra um governo autoritário e contra a repressão policial.

COMO?

Durante mais de dois meses acontecem diversas manifestações, greves e paralisações ao redor de todo o México, impulsionadas especialmente a partir da Universidade Nacional Autônoma de México e do Instituto Politécnico Nacional. Desde finais de julho até princípios de outubro ocorrem violentos enfrentamentos entre estudantes, policiais e militares. Os estudantes se organizam sob o Conselho Nacional de Greve (CNH é a sigla em espanhol) para protestar contra a repressão policial (sobretudo a do chamado Corpo de Granadeiros) e contra o autoritarismo do governo de Gustavo Díaz Ordaz. Escolas e universidades são ocupadas e destruídas por forças do governo, enquanto nas marchas dezenas de estudantes são detidos e centenas de pessoas acabam feridas.

EDUCACION, NO REPRESION
ANTES DE MEXICO
LIBERTAD

ATENÇÃO: investigar o papel assumido pela CIA em tudo isso

O QUE ACONTECEU DEPOIS?

Em 2 de outubro de 1968 milhares de estudantes se congregam na Praça das Três Culturas de Tlatelolco. Faltam só dez dias para a inauguração das Olimpíadas na cidade, de maneira que o governo precisa reprimir as manifestações o mais rápido possível. Um corpo de paramilitares infiltrados, o Batalhão Olímpia, entre outros, avança sobre a praça. Helicópteros sobrevoam o recinto. Franco-atiradores abrem fogo. Militares investem contra os manifestantes.

Até hoje não existe um número oficial de assassinados, feridos, desaparecidos e presos. Mas se fala de mais de 300 mortos e de 1.200 feridos.

Quem? Quem? Ninguém. No dia seguinte, ninguém.
A praça amanheceu varrida; os jornais
deram como notícia principal
a previsão do tempo.
E na televisão, no rádio, nos cinemas
não houve nenhuma mudança na programação,
nenhum intervalo nem um
minuto de silêncio no banquete.
(Pois o banquete continuou.)

Rosario Castellanos, *Memorial de Tlatelolco.*

"São muitos. Vêm a pé, vêm rindo. Desceram pela Melchor Ocampo, pela Reforma, Juárez, Cinco de Mayo, meninos e meninas estudantes que vão de braço dado na manifestação com a mesma alegria com que há poucos dias iam à feira; jovens despreocupados que não sabem que amanhã, dentro de dois dias, dentro de quatro estarão ali inchando-se debaixo da chuva, depois de uma feira onde o centro do tiro ao alvo seriam eles, meninos-alvo (...). Aí vêm os meninos, vêm em minha direção, são muitos, nenhum leva as mãos ao alto, nenhum tem as calças caídas entre os pés enquanto os desnudam para revistá-los, não há socos inesperados, nem golpes de cacetete, nem humilhações, nem vômitos pelas torturas, nem sapatos amontoados, respiram fundo, caminham seguros, pisando forte, obstinados; vêm cercando a Praça das Três Culturas e se detêm junto à margem onde a praça se precipita dois ou três metros para que se vejam as ruínas pré-hispânicas; retomam a marcha, são muitos, vêm até mim com suas mãos que levantam a faixa, mãos de criança porque a morte acriança as mãos; todos vêm em filas apertadas, felizes, andam felizes, pálidos, sim, um pouco desfocados mas felizes..."

Elena Poniatowska, *A noite de Tlatelolco.*

Um apavorante e encantador testemunho coletivo com vozes de estudantes, operários, soldados, mães e pais

A NOITE DOS LÁPIS

-

La Plata, Argentina

Setembro de 1976

Sobre como os tiraram de suas casas e desapareceram com eles.

O QUE PEDIAM OS ESTUDANTES?

Durante o governo de Isabel Perón, os estudantes de La Plata se mobilizaram para pedir desconto na passagem de ônibus (o BES, ou Boleto Estudantil Secundário), que haviam obtido em setembro de 1975. Com a chegada da ditadura, o BES foi suspenso e a polícia de inteligência realizou um fino trabalho para detectar quem haviam sido os líderes daquelas mobilizações: pretendiam cortar pela raiz o "ninho de subversivos em potencial".

COMO?

Na madrugada de 16 de setembro de 1976, dez estudantes são sequestrados de dentro de suas casas. Membros do Serviço de Inteligência do Exército e da polícia da província de Buenos Aires invadem os domicílios de dez adolescentes pertencentes à UED (União dos Estudantes Secundários) e à Juventude Guevarista e os levam primeiro a um centro de detenção clandestino (na zona rural de Arana) e, depois, à Divisão de Investigações de Banfield (o "Poço de Banfield"), assim como a outros centros de tortura.

Não foram os únicos estudantes secundaristas desaparecidos durante a feroz ditadura argentina (houve mais de 200), mas é o caso sobre o qual temos mais conhecimento graças a um livro: *La noche de los lápices*, de Héctor Ruiz Ñuñez e Maria Seoane, transformado em filme por Héctor Olivera em 1986.

O QUE ACONTECEU DEPOIS?

Apenas quatro estudantes dos dez sequestrados foram libertados depois de vários meses de tortura e encarceramento. Por meio do depoimento de um deles, Pablo Díaz, em 1985, se soube o horror que haviam vivido: estupros, choques elétricos, pancadas, simulações de fuzilamentos... a lista é assustadora. Os outros seis nunca apareceram.

Em memória a esses fatos, em 1998 se estabeleceu o 16 de setembro como o Dia dos Direitos do Estudante Secundário, que assim foi incorporado ao calendário escolar argentino.

OUTROS SOBREVIVENTES:

Gustavo Calotti (18 anos)
Patricia Miranda (17 anos)
Emilce Moler (17 anos)

* Revisar em sala de aula o conceito de TERRORISMO DE ESTADO

* Baixar as músicas "Rasguña las piedras" e "Canción para mi muerte" da banda argentina Sui Generis

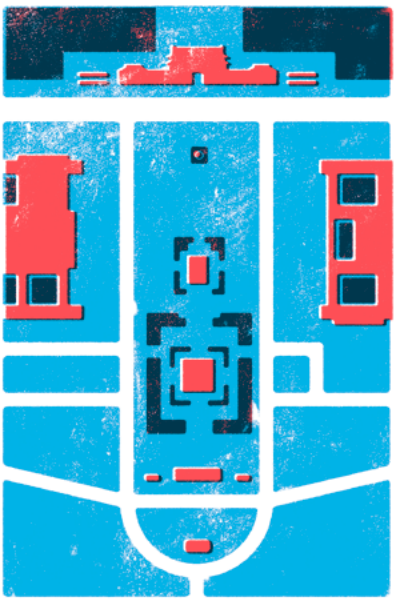
MASSACRE DE TIANANMÉN

-

Pequim, China

Junho de 1989

Sobre como os estudantes chineses enfrentaram o regime.



天安门广场

PRAÇA DE TIANANMÉN
ou
PRAÇA DA PAZ CELESTIAL

O QUE PEDIAM OS ESTUDANTES?

Melhor comida nos refeitórios, melhores condições nas moradias estudantis, mais dinheiro para as faculdades. Coisas básicas. Mas à medida que se intensificaram os protestos, começaram a pedir mais reformas políticas, maior abertura do regime comunista, mais liberdade de expressão, mais democracia... Os trabalhadores, por sua vez, protestavam contra a inflação e a corrupção.

COMO?

A morte do líder reformista Ju Yaobang, em 15 de abril daquele ano, foi o detonador dos protestos. As orações e o luto dão lugar a pequenas revoltas e desembocam em um grande movimento revolucionário que se estende a mais de 50 cidades chinesas e que teve seu epicentro na Praça de Tiananmén, em Pequim, sob liderança dos estudantes.

Além de concentrar-se na praça, eles organizam marchas e paralisações em suas universidades e convocam uma greve de fome seguida por centenas de pessoas que despertou a solidariedade do povo chinês.

A finais de maio de 1989, não só os estudantes, mas também operários, trabalhadores, intelectuais... centenas de cidadãos chineses se reúnem na praça, e a cada dia chegam mais e mais, de todas as partes do país. Durante seis semanas a praça se transforma em uma pequena cidade, com áreas de descanso, enfermaria, alimentação, assembléias... até abrigar mais de 1.200.000 pessoas. No centro, os estudantes de Belas Artes erguem uma estátua de 11 metros de altura: a Deusa da Democracia.

O QUE ACONTECEU DEPOIS?

A noite de 3 de junho foi um sábado e os mais de 50 mil soldados concentrados ao redor da cidade, sob a Lei Marcial decretada por Deng Xiaoping, começaram a marchar até a praça. As primeiras vítimas, assassinadas por balas, foram cidadãos que tentavam deter o exército. Mas os tanques seguiram avançando em todas as direções. À 1 hora da madrugada entraram na mesma praça onde Mao declarou a vitória do comunismo em 1949. Enquanto muitos eram assassinados e esmagados, outras centenas de estudantes se sentaram a começaram a cantar, em coro: "Por que querem nos matar? Não carregamos armas".

Até hoje não há certeza sobre quantos morreram naquele noite. Mas se calcula que foram mais de 3.000, além de centenas de milhares de feridos. Os líderes da revolta foram presos ou deportados.

O HOMEM DO TANQUE

O “Rebelde Desconhecido”, ou “O Homem do Tanque”. Assim o batizaram porque nunca se soube seu nome verdadeiro. Conta-se que era um estudante de 19 anos. E que se chamava Wang Weilin. A única certeza é que ele desapareceu depois de sua proeza. Alguém disse que ele vive agora em Taiwan. Mas o mais provável é que tenha sido preso e executado. Uns dizem que ele foi fuzilado em julho. Outros, que apareceu morto em uma rua da cidade poucos dias depois do massacre. Outros, que ainda está na prisão.

Era 5 de junho de 1989, pouco depois do meio-dia, apenas algumas horas após o sangrento massacre ocorrido durante a noite e a madrugada. Vários jornalistas se refugiavam no hotel Beijing, junto à praça. Das sacadas, três fotógrafos capturaram a imagem de algo insólito. Pela grande avenida da Paz Eterna se aproximava uma fila de tanques: um, dois, três, sete, nove, a fila parecia interminável. De repente, um jovem atravessou a rua. Vestia uma camisa branca, calça escura e uma jaqueta. Levava uma sacola na mão, como se tivesse acabado de fazer a compra de supermercado. Parou em frente ao primeiro tanque da coluna e não se moveu. Com a sacola fez sinais para que a fila desse meia-volta. O tanque tentou desviar dele. Logo em seguida parou. O jovem desconhecido subiu em cima do tanque, repreendendo o motorista. Minutos depois, três pessoas o tiraram da rua. Eram seus amigos querendo protegê-lo, ou a polícia secreta vestida de civil que o prendia. Ninguém sabe.

Sempre quis ~~saber~~ saber o
qué tinha naquela sacola →

REVOLUÇÃO DOS PINGUINS

-

Santiago, Chile

Mayo de 2006

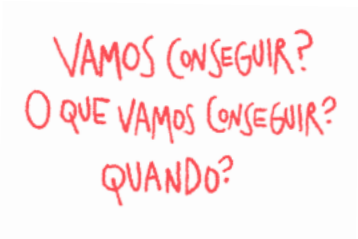
De cómo unos estudiantes secundarios estamos movilizando todo un país.

O QUE PEDIMOS?

A finais de abril, quando começaram as marchas, cobrávamos o passe escolar, melhores bolsas de alimentação e gratuidade na PSU (a prova para entrar na universidade). Mas, pouco a pouco, à medida que mais e mais colégios se somam aos protestos pacíficos e às tomas das escolas, entendemos a força do nosso movimento e de como devemos formular e lutar por uma reforma educacional profunda, que inclua a revogação da LOCE (uma lei herdada da ditadura) e uma educação gratuita e de qualidade para todos.

COMO ESTAMOS FAZENDO?

Marchas, paralisações e ocupações de colégios ao redor do Chile. Também convocamos uma Paralisação Nacional para o dia 30 de maio. Se espera que até lá sejamos mais de 900 colégios e cerca de 800 mil estudantes mobilizados em todo o país.



LA EDUCACIÓN
NO $E VENDE
¡se defiende!

NOTA DOS AUTORES

Este é um fac-símile do caderno de Pablo Mellado. Nele, Pablo escrevia as anotações que usava nas aulas de *História das Mobilizações Estudantis* que dava aos colegas durante a toma de seu colégio em maio de 2006, em Santiago de Chile.

Pablo Mellado, também conhecido como Gordo Mellado, é um personagem do novela gráfica *Al sur de la Alameda* (Ekaré Sur, 2014), que narra as mobilizações estudantis ocorridas no Chile durante a chamada "revolução dos pinguins".

O caderno data de 2006, mas os autores querem recordar outros movimentos estudantis ocorridos desde aquele momento até então:

A REVOLUÇÃO AÇAFRÃO

AGOSTO E SETEMBRO DE 2007, MIANMAR
Monges budistas e estudantes exigem um governo civil, reformas econômicas e democracia.

CONTRA O PLANO BOLONIA

2008-2009, ESPANHA
Em defesa da educação pública e contra a privatização da educação superior e a extinção de diversos cursos.

CHILE 2011

2011, CHILE
Por uma educação gratuita e de qualidade para todxs.

NÃO À LEI 30

DE ABRIL A NOVEMBRO DE 2011, COLÔMBIA
Sindicatos estudantis contra uma lei que considerava impulsionar instituições universitárias com fins lucrativos.

OS INDIGNADOS DO 15M

MAIO DE 2011, ESPANHA
Por uma Democracia Real JÁ; a favor da participação cidadã, contra o bipartidarismo e a corrupção.

MATRÍCULAS PELA METADE

DE MAIO A JUNHO DE 2011, CORÉIA DO SUL
Contra o alto custo das taxas universitárias.

MARÉ VERDE

DE JULHO A NOVEMBRO DE 2011, ESPANHA
Professores contra os cortes na educação.

#YOSOY132

MAIO DE 2012, MÉXICO
Pela democratização do país e dos meios de comunicação, pela liberdade de expressão e pelo direito à informação.

PRIMAVERA DE ACER

2012, QUEBEC, CANADÁ
Contra o acréscimo no preço das matrículas universitárias.

PROTESTOS DO DIA DA JUVENTUDE

FEVEREIRO DE 2014, VENEZUELA
Contra o governo, a delinquência, a alta inflação e a escassez de produtos básicos.

A REVOLUÇÃO DOS GUARDA-CHUVAS

SETEMBRO DE 2014, HONG KONG
Pelo sufrágio universal, sem candidatos pré-selecionados.

OS 43 DE AYOTZINAPA

SETEMBRO DE 2014, IGUALA, MÉXICO
43 estudantes normalistas desaparecidos depois de enfrentamentos com a polícia.

© Vicente Reinamontes e Lola Larra, 2015
© Ediciones Ekaré Sur, 2015
© Pupa Press, 2015

Ilustrações e design: Vicente Reinamontes
Textos: Lola Larra

Edição aos cuidados de Sara Rodríguez e Carlos Romo
Assessoria jornalística: Naiara Galarraga

Tradução: Maria Lutterbach
Revisão: Juliana Vettore

Esta obra se encontra sob Licença Creative Commons Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas 4.0 Internacional. É permitida sua reprodução total ou parcial, com a condição de citar a fonte e os autores.

Este fanzine pode ser baixado gratuitamente na página:
www.diariodeunatoma.cl

www.ekaresur.cl
www.pupapress.com

São Paulo
Dezembro de 2015

EDICIONES ekaré SUR

u a p p. press

AL SUR DE LA ALAMEDA

ISBN: 978-956-8868-33-8

9 789568 868338